

Roteiro literário na obra *Deflagrações* de José Luís Hopffer Almada

HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ

CHAM, Departamento de Estudos Portugueses,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH),
Universidade NOVA de Lisboa

O presente artigo procura argumentar a leitura da obra *Deflagrações*, de José Luís Hopffer C. Almada como um exemplo de roteiro literário, uma temática que se encontra por explorar na sua produção literária. Nascido no dia 9 de dezembro de 1960, em Pombal, Santiago, Cabo Verde, José Luís Hopffer C. Almada é Licenciado em Direito pela Universidade Karl Marx, de Leipzig, Alemanha, e, Pós-graduado em Ciências Jurídicas, em Ciências Políticas e Internacionais e em Ciências Jurídico-Urbanísticas pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa. Associado a várias ações culturais em Cabo Verde e em Portugal, ele figura de diferentes coletâneas e antologias poéticas. Além de ter ocupado vários cargos profissionais e de ter uma participação regular em eventos científicos em países como Cabo Verde, Portugal, Cuba, Senegal, Holanda, Moçambique, Suíça, Bélgica, Itália, é autor de vários estudos, ensaios e poemários. Das suas publicações, destacamos os livros de poesia *Deflagrações* (2021); *Germinações e outras restituições de março: uma antologia pessoal* (2019); *Sonhos caminhanes* (2017); *Rememoração do tempo e da humidade (Poema de Nzé de Sant'y Ago)* (2015/2016); *Praianas (Revisitações do tempo e da cidade)* (2009); *Assomada noturna (Poema de Nzé di Sant'y Águ)* (2005); *Assomada noturna* (1993); *À sombra do sol*, vols. I e II (1990). (Almada, 2021).

O seu último livro, *Deflagrações*, cofinanciado pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL) e pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde, através do Concurso Edição promovido em 2013, e por *SEPI IMNOVATION* (Almada, 2021), foi editado em Cabo Verde, em outubro de 2021, e lançado em Portugal,

em fevereiro de 2022. Aberto com o poema “Autobiografia ortónima (Sétima variação)” (pp. 5-6), é seguido do primeiro livro *Sombras insepultas (Poemas de Nzé de Sant’yAgo)*, (pp. [9]-50); do segundo livro *Os nós da solidão e outros irrepreensíveis poemas e outros antigos textos colhidos e por vezes refundidos à sombra do sol acrescidos de novos prosopoemas de Erasmo Cabral de Almada* (pp. [51]-135); do terceiro livro *Australidades (Poemas de Erasmo Cabral de Almada)* (pp. [137]-313), que se divide em duas partes: “Madrugada dos sons” (primeira parte) e “Nomeações da alvorada” (segunda parte), (pp. [299]-313); das “Reflexões finais (Cabo Verde: emancipação político-cultural do povo das ilhas, discursos da crioultude, síndromas de orfandade identitária e alegada (im)pertinência de uma poesia caboverdiana da afro-crioultude (e/ou da negritude crioula))”, de Tuna Furtado (pp. 315-503); e de “Referências bibliográficas” (pp. 505-534).

Estas reflexões que tiveram as primeiras versões publicadas na revista online *Buala* e na obra *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*, organizada por José Henrique de Freitas Santos e Ricardo Riso (2013), com os títulos “Discurso da crioultude, síndromas da orfandade e (im)pertinência de uma poesia caboverdiana da afrocrioultude e/ ou da negritude crioula” e “Orfandade identitária e alegada (im)pertinência histórica de uma poesia de negritude crioula: discursos da crioultude e síndromas de orfandade identitária” (Almada, 2021), foram revistas, refundidas e aumentadas, sendo que a última revisão ocorreu em abril/maio de 2020 “em pleno confinamento geral ditado pela situação de calamidade pública adveniente das ameaças do novo coronavírus e da covid-19 e correlativas Declaração do Estado de Emergência e do Estado de Calamidade Sanitária” (Almada, 2021, p. 502).

O autor justifica a existência do livro da seguinte forma:

Na minha ótica, e num plano sobretudo interno à sociedade caboverdiana das ilhas, a componente afro-crioula das culturas de todas as nossas ilhas, porque vivenciada por caboverdianos de diferentes origens raciais e sociais, e subsistente como irrenunciável da caboverdianidade, como componente essencial da identidade crioula, no arquipélago e na diáspora, afirmar-se-á com mais acuidade que uma qualquer problemática racista, destituída de grande relevância na configuração atual do país, mas certamente significativa numa abordagem histórico-cultural da formação da etnicidade do nosso povo e numa visão atualizada quer da inserção de Cabo Verde no “seu destino africano, livremente escolhido” (como constante do *Texto da Proclamação Solene da Independência de Cabo Verde*), e no vasto mundo africano e das diásporas negras e afrodescendentes, quer ainda da integração dos Caboverdianos nas sociedades de acolhimento e do relacionamento, muitas vezes eivado de preconceitos racistas islamofóbicos [...].

6. É nessa mundivisão que se insere grande parte do presente livro de poemas na sua diversidade temática e da estilística. (Almada, 2021, pp. 499-500)

José Luís Hopffer C. Almada, um autor cabo-verdiano de referência, utiliza diferentes nomes literários (designação que utiliza para se diferenciar da heteronímia de Fernando Pessoa): Zé di Sant'y Águ, Nzé di Sant'y Águ (atualmente Nzé de Sant'y Ago), Amizé di Sant'y Águ, Ezeami di Sant'y Águ, Alma Dofer, Alma Dofer Catarino e Erasmo Cabral de Almada na escrita poética, Dionísio de Deus y Fonteana na escrita de textos de ficção e de prosa literária nas línguas portuguesa e cabo-verdiana, e Tuna Furtado na escrita de artigos e de ensaios (Almada, 2021).

É desta forma que encontramos em *Deflagrações* três desses autores: o ortónimo, ou seja, José Luís Hopffer C. Almada; Nzé de Sant'Ago – nome literário que se notabilizou na poesia e que foi retomado nesta publicação; e Erasmo Cabral de Almada, igualmente, um nome literário, que se notabilizou na poesia e que pode ser visto nesta obra como sendo o poeta de múltiplas variações, como se pode atestar nos poemas: “Os Nós da Solidão” (Segunda versão) (p. 53); “Mitologia crioula” (Terceira Versão) (p. 72); “Quadros de longe (Versão terceira) (p. 76); Exílio (Quarta versão), (p. 80); “Incongruências” (Terceira versão) (p. 86); “Olívia” (Terceira versão) (p. 91); “Cinefilia (Segunda versão) (p. 98).

Destes poemas, destacamos o primeiro, “Os Nós da Solidão” (Segunda versão), pelo facto de o autor procurar distinguir o passado e o presente. Nessa reflexão, ele fala de um passado que tinha estátuas de descobridores; donatários; capitães-mores; governadores; corsários; padres; missionários; de médicos; engenheiros; professores; beneméritos e outros que tiveram um papel importante no arquipélago de Cabo Verde (Almada, 2021).

Desta feita, o autor é um segmentado em outros nomes que fazem parte da sua escrita. Ele assume-se como resultante e transformador do local onde vive. Esse local apresenta singularidades na sua poética, motivo que nos faz ler a obra, em estudo, como um roteiro literário, ao nos permitir visualizar e circular em Cabo Verde e no mundo, além da retoma de alguns momentos históricos do arquipélago, de determinadas personalidades de referência nacional e internacional. A partir deste roteiro que nos remete para um projeto de escrita e que nos convida para conhecimentos diversos, José Luís Hopffer C. Almada cria um cenário particular e geral a partir da sua aldeia de nascimento.

Nesta obra, o autor empresta a sua criação literária ao leitor para que ele possa ver, rever e conhecer através do que ele consegue captar, facto que nos faz relacionar a sua poesia com uma linguagem cinematográfica. O título da obra, *Deflagrações*, sugere a ideia do autor procurar alastrar a sua poesia como metáfora do fogo, procurando construir a ideia “do calor e do ruído” que possa

causar no leitor aquando da sua leitura. Isso remete-nos, segundo Adrianna Meneguelli, para “blocos poéticos [que] favorecem – mormente na configuração de quadros visuais – a aproximação com as tomadas levadas a termo pelo cinema, assim como a sobrelevância da técnica da montagem, indiscutível nessas produções” (Meneguelli, 2019, p. 13). Nesta linha de pensamento, Jean-Claude Carrière defende que “Foi [...] na relação invisível de uma cena com a outra que o cinema realmente gerou uma nova linguagem” (Carrière, 2015, p. 14). Assim, para a autora anteriormente citada o que é anunciado “como inovador (no processo fílmico) fora já concebido por Einstein como fenômeno passível de abrigar também a literatura que, aliás, desde os textos mais clássicos, apresentara por vezes imagens justapostas a conduzirem a um único resultado, ou cena, ou interpretação” (Meneguelli, 2019, p. 14). Na verdade, segundo Ismail Xavier:

No cinema, as relações entre visível e invisível, a interação entre dado imediato e sua significação tornam-se mais intrincadas. A sucessão de imagens criadas pela montagem produz relações novas a todo instante e somos sempre levados a estabelecer ligações propriamente na tela. A montagem sugere, nós deduzimos. (Xavier, 2000, p. 368)

Ora, é por essa razão que José Luís Hopffer C. Almada nos sugere a possibilidade de ele também ser um autor das circunstâncias biográficas. Com isso, ele passa a documentar diferentes roteiros, visando, por exemplo, elencar a circulação do meio rural para o urbano na procura de novos núcleos populacionais, consubstanciados numa abordagem que “transporta um tempo” que não o faz esquecer a dita aldeia onde nasceu nem Leipzig, a cidade europeia que o marcou. Nascido numa aldeia, onde ficou na “meia-luz”, ou, mesmo, no ponto em que se encontra entre a luz e a sombra das montanhas, contrastando com a sombra do “sobrado”, são o rememorar da sua infância e o cansaço nesse espaço que o faz virar as costas ao mar e procurar outros lugares, nomeadamente a supradita Leipzig, onde metaforicamente, beijou “com amor”, e, quiçá com veemência e vigor a “neve”, numa representação simbólica do vivido que se transforma num rememorar de algumas experiências tidas (Almada, 2021). Veja-se a seguinte transcrição:

Nasci numa aldeia / à sombra de um sobrado / e da autera penumbra das montanhas
// Ainda criança / exauri-me nas exautas margens das ribeiras / galguei a húmida
orografia da Assomada / e fiz-me árvore do plnalto // [...] // De costas para o
mar / insinuei-me / – para além da ilha – / na lenta e transparente / caminhada
das nuvens / para de Leipzig / loucamente beijar / com amor e com ardor / a neve
com odor / a carvão e melancolia / para da Europa / [...] (Almada, 2021, pp. 25-6)

O autor remete-nos para o lugar do seu nascimento e crescimento, assim como para a sua partida para o exterior. É sob este influxo que, estando na Europa, ele não negligencia o seu continente africano, as “Américas”, os “negros escravizados”, a sua condição de filho de Adão e Eva e o Pico de António que, com 1394 m de altitude e localizado a sudoeste de Assomada, é o ponto mais alto de Cabo Verde, como se lê na seguinte transcrição:

[...] / o níveo e silente frio / para da África afagar / com amor e com fervor / com tormento e com paixão / com ternura e comoção / o ébano primacial das origens / o riso resiliente o ritmo contagiante / a alegria explodindo derradeira / ante os muitos abismos / com os muitos renascimentos / para das Américas / inocular-me e saturar-me com ardor e com deleite / dos ritmos / [...] / vozes negros escravizados / [...] // Hoje sei que sou / um simples signo de Adão e Eva / e do seu éden ptreo no Pico de António. (Almada, 2021, p. 6)

Deste modo, o seu texto acaba por ser um referencial de informação, motivo que nos faz pensar a obra como um exemplo de roteiro literário, em que o autor aparece como um dos protagonistas de uma visão literária categorizada em lugares de enunciação com o propósito de fazer o leitor deambular por diferentes tipos de mundividências. Esse referencial é ocupado por um sujeito atento que regista o que vê, lê e investiga de forma rigorosa, cuja perspectiva o exhibe e posiciona como um guia implicado com o que consegue captar. É por essa razão que esse referencial, inserido nesse modelo de roteiro, também é habitado por diferentes percepções que constituem os “ossos dos tempos” (Butor, 1972, p. 68).

Desta feita, José Luís Hopffer C. Almada trabalha “o espaço do contexto” (Cosson, 2010), concentrado em realidades diferentes e numa disforia geográfica, procurando a edificação de um intercurso para a sua conceção inspiradora e diferenciadora, mediante a projeção da sua escrita que também nasce da sua condição de universalista. Esta escrita, proveniente da sua criatividade literária, de um incessante labor de indagação, representa um reflexo sociocultural (Cabral, 1952) de geografias percorridas através de diferentes périplos, razão que o faz “construir-[se] como um ser plural na cabo-verdianidade e universalidade” (Almada, 2004, p. 202) e pretender ser “uma poesia que se quer primar pela diversidade temática e formal” (Almada, 2009, p. 5).

Deste modo, o dito livro *Deflagrações* foi escrito, em nosso entender, a pensar em quem busca uma disparidade temática. É por essa razão que o autor referência diferentes personalidades cabo-verdianas, havendo a destacar: Carlota de Barros – escritora e membro da Academia Cabo-verdiana de Letras; David Hopffer Almada – antigo Ministro da Justiça de Cabo Verde e Presidente da Academia Cabo-verdiana de Letras; Pedro Pires – antigo Presidente da República de

Cabo Verde e um dos fundadores do Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC); Pedro Martins – combatente da liberdade da pátria cabo-verdiana que se tornou no prisioneiro mais novo (16 anos) no Campo de Concentração do Tarrafal, em Chão Bom, ilha de Santiago, e que foi libertado em maio de 1974, uma semana depois do 25 de Abril; Dulce Almada Duarte – membro do PAIGC e pioneira no estudo da língua cabo-verdiana, além de traduzir vários textos de Amílcar Cabral – membro fundador do Partido Africano para a Independência (PAI) em finais de 1956, com alguns cabo-verdianos e guineenses, que mais tarde deu origem ao dito Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Também elenca outros nomes, como Corsino Fortes – militante do dito PAIGC e que exerceu cargos de referência, como Delegado do Ministério Público e Juiz de Direito em Cabo Verde, Embaixador Plenipotenciário da República de Cabo Verde em Portugal, França, Espanha, Islândia, Noruega e Itália, além de ter sido um escritor cabo-verdiano de referência, havendo a destacar a sua obra *Árvore e Tambor* que, segundo Ana Mafalda Leite:

Retoma [...] a proposta de *Pão & Fonema*, alargando-a. Do resquicial fonema que reclamava a liberdade de ser resquicial fonema em o tambor, som pleno, que pela sua tradição africana impõe uma nova linguagem de identidade com África, de ritmo de festa e solidariedade” (*apud* Fortes, 1986, pp. 11-12)

Nesse périplo roteirístico, o autor, na condição de Nzé de Sant’yago’, apresenta no poema “Parábola sobre o castanho sofrimento e a verde ressurgência das criaturas das ilhas”, um itinerário do Abel Djassi, pseudónimo do agrónomo, político e teórico marxista Amílcar Cabral, considerado pelo autor como o “Pai da Nação Africana Forjada na Luta / O Mais Grande dos Grandes das Ilhas” (Almada, 2021, p. 27), a registar: Praia – ilha de Santiago, Cabo Verde; Mindelo – ilha de S. Vicente, Cabo Verde; Lisboa – Portugal; Luanda – Angola; Paris – França; Frankfurt – Alemanha; Bissau – Guiné Bissau; Dakar – Senegal; Conacry – Guiné Conacri, onde o dito Amílcar Cabral foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973; e Londres – Inglaterra. Ainda menciona a Medina do Boé – onde, no dia 24 de setembro de 1973, o PAIGC, de forma unilateral, declarou a independência da Guiné Bissau (Almada, 2021); o mito da Atlântida; e as Hespérides (Almada, 2021). O mito da Atlântida simboliza uma retoma mítica das origens do arquipélago de Cabo Verde, consequente de uma espécie de expedição utópica de regresso às origens (Luz, 2013), tal como também ocorreu com outros autores islenhos, como Jorge Barbosa e Pedro Cardoso.

A recuperação da figura de Amílcar Cabral remete o leitor para a faceta de um homem que foi considerado “íntegro e comprometido com a luta de libertação

nacional dos povos de Cabo Verde e da Guiné e a liberdade de todos os povos oprimidos, dominados e explorados, independentemente da raça e da cor da pele” (*apud* Andrade, 2013, p. 6), numa tentativa de o relembrar a condição do cabo-verdiano que resultou “da expansão marítima europeia e do tráfico negreiro e do seu consequente caldeamento e autoconstrução no quadro de uma sociedade colonial escravocrata como a primeira sociedade crioula do mundo localizado no Atlântico [...]” (Almada, 2021, p. 500).

Esse roteiro também aparece como uma espécie de “experiência exterior” e como um reflexo do imaginário coletivo. Esta visão está muito presente no poema “Insula Verdeana”, do referido nome literário de Nzé de Sant’yago de José Luís Hopffer C. Almada, dedicado aos intelectuais cabo-verdianos Corsino Fortes; Carlos Alberto Lopes Barbosa, mais conhecido por Kaká Barboza (alcunha e pseudónimo) – poeta músico, contista e político; José Gabriel Lopes da Silva, mais conhecido por Gabriel Mariano – escritor e juiz; João Manuel Varela – escritor, neurocientista, cientista e professor que escreveu com os pseudónimos João Vário, Timóteo Tio Tiofe e Geuzim Té Didial; Francisco Varela, mais conhecido por Xico Xan, militante da clandestinidade da luta pela independência de Cabo Verde. Foi uma das vítimas gravemente feridas na repressão militar colonial ocorrida na cidade da Praia, ilha de Santiago, no dia 19 de maio de 1974, poucos dias depois do 25 de Abril de 1974, razão pela qual esse dia é considerado o Dia Municipal da Praia; e Fernando Monteiro – escritor, cronista e jornalista de referência em Cabo Verde.

Desta feita, José Luís Hopffer C. Almada, na condição de Nzé de Sant’yago’, também referência a ilha do Fogo e as lavas do vulcão do Chã das Caldeiras; o milho – base da alimentação cabo-verdiana; o mar que rodeia as ilhas; Eugénio Tavares, jornalista e poeta cabo-verdiano; o poeta épico Homero da Grécia Antiga, autor da *Ilíada* e *Odisseia*; o harmatão – vento seco e poeirento que assola as ilhas cabo-verdianas de tempos em tempos de nordeste a este, procedente do Saara (Luz, 2013).

O autor cria e recria em *Deflagrações* um roteiro que faz o leitor ler e viajar por diferentes lugares: físico, social e psicológico. Ele utiliza reflexos do quotidiano e históricos para organizar um discurso poético como estratégia de construção de um itinerário viajante que percorre diferentes lugares, isso porque, segundo Walter Benjamin: “Quem faz uma viagem traz sempre alguma coisa para contar [...]” (Benjamin, 1992, p. 29). Deste modo, ele também recorre à memória e se transforma num observador atento, na medida em que passa a recuperar várias reminiscências, sobretudo as individuais centralizadas em lugares coletivos, como o cabo-verdiano; o europeu; o africano; o caribenho; o americano (Almada, 2021); e o religioso, através do testemunho de “dados dos

sentidos [...] como uma coisa que tem um significado, que tem uma verdade e que pode ser explicada” (Lévi-Strauss, 1978, p. 18). Ele também recupera os corajosos Gervásio e Ambrósio: “[...] e esculpindo as faces oblíquas da revolta/nos passos destemidos de Gervásio e Ambrósio// [...]” (Almada, 2021, p. 34), numa tentativa de remeter os leitores para duas revoltas históricas que ocorram em Cabo Verde. Na referência ao Gervásio, ele recupera uma insurreição contra a escravidão ocorrida em Monte Agarro, sob a sua liderança, a par de Narciso e Domingos. Almejaram instituir uma espécie de Haiti cabo-verdiano na ilha de Santiago. Quanto ao Ambrósio, “alto, moreno, tipo mulato de olhos verdes” (Mariano *in* Laban, 1992, p. 354), carpinteiro muito bem-falante e detentor de um certo prestígio entre os seus pares, é uma referência ao poema “Capitão Ambrósio”, de Gabriel Mariano, resultante de uma célebre revolta popular, ocorrida na cidade do Mindelo, São Vicente, sob a liderança de Ambrósio Lopes, no dia 7 de junho de 1934.

Trata-se de um grupo numeroso de mulheres, homens e crianças que percorreram algumas ruas do Mindelo, ilha de S. Vicente, erguendo um pano preto como a bandeira da miséria e da fome, com o propósito de obrigar os poderes locais a instarem, à administração da então colónia portuguesa, as medidas necessárias para auxiliarem os desempregados mindelenses. Com início em Ribeira Bote, um dos bairros suburbanos da cidade do Mindelo, em direção à Praça da República – Pracinha da Igreja, os populares insistiram na ideia de que a Governação do município deveria telegrafar ao Regente informando-o que a população já não conseguia continuar a sofrer e que permaneceria determinada, unida e solidária, sem se dispersar, à espera das soluções exigidas pela penúria a que estava sujeita. Entre outros fatores, nomeadamente a seca, ela resultou sobretudo da drástica redução das remessas enviadas por emigrantes cabo-verdianos em países como Estados Unidos da América, Argentina e Brasil e da crise instalada no porto do Mindelo.

Esse porto, considerado, até então, o “coração económico” do arquipélago, distinguia os momentos altos e baixos da economia cabo-verdiana, visto que a cidade do Mindelo foi, durante muito tempo, a capital das atividades mais relevantes do país, mormente a navegação, devido à sua boa localização geográfica, ao comércio, aos telégrafos e correios, à indústria, à educação e à existência do cabo submarino (Luz, 2013).

Gabriel Mariano tomou conhecimento dessa revolta numa “conversa de café”. Com isso, escreveu o poema meses depois, pela impressão que a história o causou (Mariano *in* Laban, 1992). O dito personagem Ambrósio, que recebeu “o posto de capitão” pelo autor do poema, ficou conhecido pela sua coragem e personalidade forte (Mariano *in* Laban, 1992), razão que faz José Luís Hopffer C.

Almada convidar o leitor para revisitar a sua história através de um poema com ritmo e dinamismo e que nos encaminha para a notação de um roteiro histórico, onde encontramos passagens que recuperam o precedente visando acrescentar um movimento de progressão (Laban, 1992). Portanto, a referência ao dito Ambrósio por parte de José Luís Hopffer C. Almada simboliza remeter o leitor para a reconstrução desse momento histórico, onde o povo surgiu caminhando virilmente e determinado pelas ruas da referida cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, num “desfile disciplinado, de rebeldes em fúria” (Mariano *in* Laban 1992, p. 356). Veja-se a seguinte transcrição:

Bandeira/ Negra bandeira / Bandeira negra da fome. / Em mãos famintas erguidas / Guiando os passos guiando / Nos olhos livres voando / Voando livre e luzindo / Inquieta e livre luzindo / Luzindo a negra bandeira / Clara bandeira da fome. / 2 / Mãos erguidas / Em força, duras, erguidas / Pés marcando a revolta / O povo marcha na rua. / Vai na frente o Ambrósio / Mulato Ambrósio guiando / Leva nas mãos a bandeira. // [...] // 3 / Foi um minuto. / Veio o vento e passou. / Mulato Ambrósio foi preso / Julgado e preso o Ambrósio / Preso para longe o Ambrósio / Mandado para longe o Ambrósio. / Longe do povo o Ambrósio. / Mas a bandeira ficou. / Morreu e foi enterrado / Mas a bandeira ficou. // [...] / (Mariano, 1991, p. [54])

José Luís Hopffer C. Almada também recupera algumas personalidades culturais do arquipélago, nomeadamente no poema “Saudade vária (O verde da primeira rocha)”, do nome literário Nzé de Sant’yago’, dedicado aos músicos cabo-verdianos Codé di Dona, de nome verdadeiro Gregório Vaz e Orlando Pantera – Orlando Monteiro Barreto. Trata-se de um poema onde a ilha de Santiago é apresentada como sendo montanhosa e tendo intempéries; amores; cana sacarina; e laranjeiras (Almada, 2021). Esta abordagem roteirística, como temos vindo a referir, também nos remete para grandes personalidades internacionais, a destacar: Ricardo Riso – crítico literário brasileiro que integra o conselho editorial da revista *África e Africanidades*; Luzia Moniz – socióloga e jornalista angolana; Harriet Tubman – abolicionista e ativista americana; Sojourner Truth – igualmente abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americana, ambas consideradas pelo autor como tendo a “ousadia da inteligência perspicácia” (Almada, 2021, p. 245); Paul Coffee – empresário de sucesso, comerciante, baleeiro e abolicionista, nascido homem livre de um pai escravo e uma mãe negra afro-americana, é apresentado pelo poeta como “o negro americano mais poderoso do seu tempo / simultaneamente pelo direito de voto de negros e índios e pela radicação de uma nação de negros livres em África” (Almada, 2021, p. 246); Granville Sharp – um dos primeiros ativistas britânicos

que lutou pela abolição do tráfico de escravos e que se envolveu na tentativa de corrigir algumas injustiças sociais; Olaudah Equiano – um marinheiro calvinista, abolicionista e escritor nigeriano; Ottobah Cugoano, conhecido como John Stuart – foi um abolicionista, ativista político e filósofo dos direitos naturais da África Ocidental que atuou na Grã-Bretanha na segunda metade do século XVII; o David Walker – um abolicionista, escritor e ativista antiescravista americano; o Robert Alexander Young – autor de *O Manifesto Etíope*, publicado em Nova York em fevereiro de 1829, uma obra onde deu a conhecer uma oposição negra colérica à escravatura e à discriminação racial (Almada, 2021).

Estas referências remetem-nos para uma visão universalista que se faz notar num retrato poético produzido como uma forma de dar a conhecer alguns negros revolucionários que também encontramos na referência aos “tambores libertários dos quilombos / com brados guerreiros temerários / com os passos foragidos acossados / do Rei Amador e de Zumbi de Palmares” (Almada, 2021, p. 245). O mesmo autor admite que muitos desses negros constam de textos como o *Tratado sobre o Tráfico e a Escravidão dos Negros* e são enfatizados, segundo o próprio:

[...] em calorosos debates e controvérsias / Repercuntindo-se em sediciosas memórias e (auto) reflexões / tal a *Apaixonante Biografia de um Escravo Libertado* / posicionando-se contra visões vincadamente racistas / de intelectuais europeus do Iluminismo / tais Hume Voltaire Kante Hegel / em escritos memoráveis tal a obra / *Sobre a Igualdade das Raças Humanas* [...] (Almada, 2021, pp. 246-247)

Esta transcrição antecede uma visão que remete o leitor para um tempo diferenciado dos atuais, facto que também direciona o autor para uma estratégia de comunicação comprometida com uma visão global. É por esta razão que ele aborda os tribunais de Londres – Inglaterra; Marselha – França; e Boston – Estados Unidos da América, procurando debater a alforria e a exploração do negro, a fundação de novas colónias na Serra Leoa, na Libéria, e outros países no “litoral oeste-africano” (Almada, 2021, pp. 247-248). Com isso, ele constrói um roteiro literário autobiográfico-histórico-nacional-internacional, fazendo a sua escrita oscilar entre o discurso poético e um eu comprometido com vários contextos. Por essa razão, ele recorre à memória e recupera várias reminiscências, sobretudo as individuais centralizadas em espaços coletivos, como o cabo-verdiano; o europeu; o africano; o caribenho; o americano; e o religioso. Em suma, o conceito de roteiro literário manifesta-se na obra *Deflagrações*, de José Luís Hopffer C. Alamada de diferentes formas, havendo a destacar a remissão para o percurso autobiográfico do autor, os nomes literários, personalidades cabo-verdianas e internacionais de referência, factos históricos e diferentes geografias, conforme referenciamos ao longo desta abordagem.

Referências bibliográficas

- Almada, J.L.H.C. (2021). *Deflagrações*. Praia: Spleen-Edições.
- Benjamim, W. (Pref. Susan Sontag) (1992). *Rua de sentido unico e infância em Berlim por volta de 1900*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Butor, M. (1972). *Essais sur le roman*. Paris: Gallimard.
- Cabral, A. (1952). Apontamentos sobre poesia cabo-verdiana. *Cabo Verde: boletim de propaganda e informação*, 28, p. 3.
- Carrière, J.C. (2015). *A linguagem secreta do cinema*. Trad. Fernando Albagli e Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Cosson, R. (2010). O espaço da literatura na sala de aula. In. A. Paiva, F. Maciel & R. Cosson (coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Fortes, C. (pref. de Ana Mafalda Leite). (1986). *Árvore & tambor*. Praia: ICL/D. Quixote.
- Gordo, A. da S. (1995). *A escrita e o espaço no romance de Vergílio Ferreira*. Porto: Editora.
- Laban, M. (1992). *Cabo Verde: encontro com escritores*, vol. I. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Lévi-Strauss, C. (1978). *Mito e significado: cinco palestras para a rádio de Claude Lévi-Strauss*. Universidade de Toronto.
- Luz, H. (2013) *O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa].
- Marchini, L.M. (2017). A ilusão do género em *O travesti*, do escritor caboverdiano Fernando Monteiro. *Revista Abril*, 9(18), 83-99.
- Mariano, G. (1993). *Ladeira grande: antologia poética*. Lisboa: Vega.
- Meneguelli, A.M. (2019). O roteiro poético-visual de Murilo Mendes. In A.M. Ferreira, C. Morais, M.F. Brassete & R.L. Coimbra (eds.). *Pelos mares da língua portuguesa 4* (pp. 11-16). Aveiro: UA.
- Xavier, I. (2000). Cinema: Revelação e engano. In A. Novaes. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.